

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 3\$600 rs. — Semestre 1\$920 rs. —
Trimestre 1\$000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 41. — SABBADO, 11 DE OUTUBRO DE 1836.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 4\$000 — Semestre 2\$100 rs.
Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5\$000.

SUMMARY.

Piratas do Riff — O Castigo do Senhor (continuação) — Historia natural — Os contos do tio Joaquim (continuação) — Constança de jesuita (continuação) — Deus! poesia — Viagem á roda do toucador da minha Emilia (continuação) — Pará — Convento de S. Francisco, em Bragança — Malta — Chronica

GRAVURAS — Convento de S. Francisco, em Bragança — Pará — Cidade velha em Malta — Porto de Malta.

PIRATAS DE RIFF.

O vocabulo Riff, que pertence á lingua barbaresca, significa *costa, rio, margem*.

A provincia do Riff, ou *er Riff*, é a mais septentrional do imperio de Marrocos. Forma o littoral marrochino do Mediterraneo, exclusivamente povoado por tribus indomitas, e hordas que vivem da pilhagem. É banhada pelo mar de Tanger, em Melilla, quasi que na extensão de trezentos e trinta kilometros.

Está limitada ao sul pela principal cadêa do pequeno Atlas que, desde a ponta de Ceuta até á bahia de Maferrin, descreve para o centro africano uma curva muito regular.

A extensão media d'este territorio, de norte ao meio-dia, é de cincoenta kilometros.

É limitado ao sul pelo reino de Fez, ao sueste por Garet, e ao sudoeste por Azgar.

Região montuosa do picos escarpados, gargantas profundas, estreitas e inacessiveis, acha-se coberta e atravessada em todos os sentidos por innumeraveis ramificações que da cadêa mais alta do pequeno Atlas avançam descendo, occultando-se, e cruzando-se até ás praias do Mediterraneo.

Só esta configuração irregular do solo bastaria a dificultar aos viajantes e geographos a exploração de Riff, se não acrescesse a isto o caracter malvado dos seus habitantes. Por este motivo toda a costa de Ceuta até confinar com Argel é desconhecida, e muito mais o seu interior.

Suppõe-se que haverá ahí numerosas povoações; porém nunca a sua existencia foi averiguada, nem dos seus nomes ha noticia na Europa. Deverá ter consideraveis mananciaes, valles espaçosos e ferteis, montanhas elevadas. De poucas, e d'algumas tribus unicamente se sabe o que vae por tres seculos contou Leão, o Africano. De então para cá falharam completamente as noções d'este paiz selvagem.

Riff entra n'essa designação geral que antigamente se dava áquella região de estados barbarescos. Hoje sabem todos que as povoações da Berberia se dividem em barbarescos, arabes, moiros, judeus e negros.

É aos primeiros que este paiz pertence.

Verdadeiros indigenas do norte da Africa, os barbarescos nunca se mesclaram com as poderosas nações que successivamente se estabeleceram em parte do seu territorio.

Viveram seculos ao lado dos romanos, sem que a sua fereza lhes permittisse aprender coisa alguma da lingua de Italia. Se ao depois se uniram aos arabes conquistado-

res por causa da conformidade de certos costumes de ambas as raças, esta união sómente se effectuou n'algumas provincias; as montanhas impenetraveis de Riff e Marrocos não se communicaram n'esta união. Por isso n'esta parte do Atlas a lingua barbaresca tem conservado a sua pureza. Já não succede assim em Argel, que se misturou com o arabe.

Os barbarescos estão actualmente divididos em muitas e grandes familias. As duas principaes são os Neuplades de Riff, e os Kabilas da Argelia: dois typos differentes com muitos pontos de similhaça. O montanhês de Riff é mais branco do que o arabe; tem a physionomia europea; fiel á tradição de seus paes, conserva com religioso respeito os antigos usos; prefere dormir sobre a terra escalvada ás habitações de pedra ou de madeira, e amoldar-se ás exigencias da civilisação. Parece-lhe que transformando-se perderia a sua liberdade.

Desgraça é que ás vezes desça das suas montanhas; porque é sempre para apresentar batalha á civilisação, e exercer na costa actos de crueldade, como ultimamente succedeu com a tripulação prussiana. Menos celebres do que os piratas d'Argel, os de Riff seguem a mesma estrada, caem sobre os pobres naufragos, e degolam-os.

Afora esta industria, uns cultivam a terra ao redor das suas cabanas, e ahí se encontra com abundancia tu-

O monte Beni-Mansor é muito mais extenso, porém menos fertil. Os seus habitantes só cultivam o arroz, e tem semanalmente um mercado de comestiveis.

Todas as montanhas de Riff são mui altas, e a maior parte do anno estão cobertas de neve, de sorte que se avistam do mar muito ao longe, e por isto os hespanhoes lhe chamam Montes Claros.

Estas tribus indomitas, sempre armadas, vivem do roubo, sem nenhuma noção de justiça e probidade, trepam os mais escarpados rochedos, baixam aos valles para os arrazar; e comem, bebem, dormem e combatem com o arrojo, furor, e impetuosidade de animaes ferozes. Servem-se do arco, flechas, e espingardas, porém batalham sempre em confusão e desordem.

Quando perseguidos, trepam pelos estreitos deflaideros das suas montanhas, e d'ahi destroem os inimigos a tiros e pedradas. São ageis e robustos: as mulheres formosas e bem conformadas. Como são zelosos e violentos maltratam-as logo á menor suspeita. Professam o mahometismo, porém ignorando muitos dos pontos essenciaes d'este culto, pode dizer-se que a sua religião é um grosseiro fetichismo. Atrevidos e valentes, barbaros e malvados, matam sem piedade o adversario que lhes cae nas mãos.

O imperador de Marrocos raras vezes os chama a serviço nos seus exercitos, porque desconfia d'elles, visto que se não sujeitam á disciplina, nem soffrem jugo. O serviço que exige d'elles é que lhe abasteçam as tropas de arroz, trigo, carne, azeite e mel. Se em alguns casos se ha visto obrigado a chamal-os ás bandeiras, logo tem cuidado, apenas a campanha se acaba, de tirar-lhes as armas e despedil-os para as suas montanhas.

Taes são as hordas facinoras de Riff. A natureza do seu territorio, seu caracter e estado social baldarão sempre a vingança que a Europa pretenda tomar das suas covardes e sanguinarias aggressões.

Ainda ha pouco acabam de dar um exemplo de sua fereza. O principe Adalberto da Prussia viu-se obrigado a tocar com a sua fragata as praias d'esta barbara tribu, e o mesmo foi desembarcar que ver-se assaltado por elles. Defendeu-se com valor, morrendo-lhe alguns da guarnição do seu navio, e saindo o principe ferido da peleja. Foi curar-se a Gibraltar, e já voltou para o seu paiz. A Prussia tenta um desaggravo d'esta affronta, e para isso convoca as potencias maritimas que se apromptam a coadjuval-a.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

O CASTIGO DO SENHOR.

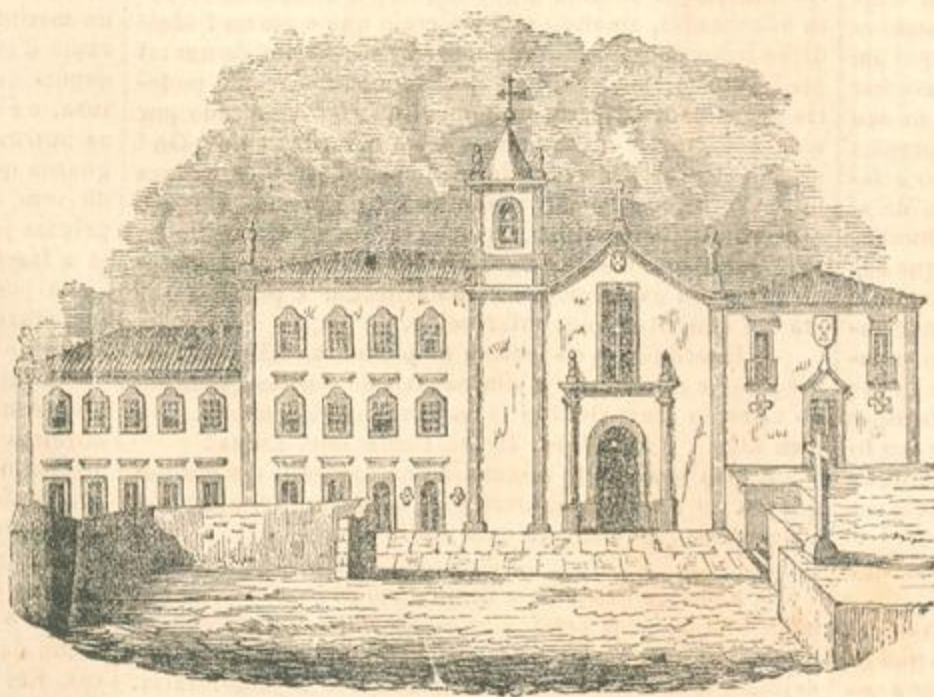
CONTO AO SERÃO.

Continuação.

VIII

NOVA DOR DE NOVA MAGOA.

O Castigo do Senhor, se acompanhara todos os seus amigos até ao logar que destinaram para descansar, e cu-



Convento de S. Francisco, em Bragança.

do necessario á vida: outros permutam com os seus vizinhos mel, cera e pelles, por trigo e arroz.

Ha montanha em Riff que proporcionava antigamente até quinze mil combatentes. A de Zenedidris, entre Ceuta e Tanger, estava povoada nos tempos passados por tribus tão bravas, que os reis de Granada n'ella recrutavam os mais distinctos soldados da sua guarda.

O monte Beni-Oriegan abunda em vinhãs, cedros excellentes para construcções maritimas, oliveiras e muita copia de arvores de fructo.

As mulheres são celebres pelo pouco recato de costumes, e os homens pelos zelos e brutalidade.



Pará.

VIII

Que de fracos e caducos são os esteios da vida humana!

Quem adivinhara que as esperanças, que pouco tempo havia se nutriam no coração de Luiz Gonçalves, seriam tão depressa dissipadas, como as folhas seccas, despidas das arvores no estio, pelos primeiros tufões do inverno!

Villa Franca do Campo, aquella então principal povoação, que como pequena côrte da ilha de S. Miguel, continha ainda n'aquelles tempos parte da flor da nobreza michaelense, entretendo tambem o trafego e relações da civilização que ali mesmo alvorecera; tinha já perdido todo o magnetico attractivo para o moço amargurado, que tambem já havia perdido toda a alegria d'alma, toda a crença do coração. Sem Laura, impossivel fatal era a felicidade de Luiz; que, onde a adversidade deitou fel em affectos nascentes e candidos como o podem ser anjos, se o sentimento e a existencia não morreram logo, foi só para romper uma a uma todas as fibras do peito, metter bem fundo o ferro envenenado, desvairar pelo desespero, e ir no scepticismo perder a alma com a vida.

Esses jogos, esses folgares tão michaelenses, que se parecem reflectir paganismo, não prazem menos ao povo, por lhe gerar affectos e afugentar aborrimentos: — tudo isso, todas essas lóas, e solaus, que se davam tão profusamente em espectáculo e exercicio aos noveis cavalleiros, enojava Luiz, a quem a desdita levava a amada (que era toda aquella alma, toda aquella vida) de ausente a captiva de barbara moirisma, para não sabia que terras desconhecidas.

Cada dia acrescentava ao triste moço novas magoas, novos receios, novas incertezas, e lhe apressava o termo da vida e talvez da razão. Guapa figura fóra a d'elle, quando soffrimentos lh'a não desconcertavam. Magestoso no talhe, nobre no ademan como na estirpe, risonho e corado no semblante, no todo não desforneado de carnes, a barba que despontava, os olhos pretos, que, animados, tão bem fallavam d'amores, annelados cabellos fluctuando-lhe sobre o collo; — assim se distinguia entre toda aquella mocidade o nosso gentil heroe.

IX

Tempos depois do rapto e captiveiro de Laura e Isabel, sem que mais houvesse saber novas d'ellas, amofinado de pesares, não houve lagrimas e supplicas de paes e parentes, nem empenhos d'amigos, que dissuadissem Luiz do intento de abandonar a patria, que lhe gerava tão incessantes e pungentes recordações, e no serviço das armas em terras indianas buscar lenitivo ás penas que padecia, ou morte desesperada porque d'ellas se libertasse.

Não diremos quantos pensamentos melancolicos, quantas sombrias meditações, se apossaram d'aquella alma, tão nascida para a poesia e para o ideal, quando um dia ao pôr do sol, n'essa mesma aziaga hora em que mãos sacrilegas lhe tinham, talvez para sempre, roubado a amante innocente, viu perder-se-lhe de vista a terra natalicia, onde recebera a vida, mas em que deixava a alma desfallecida, esfolhada e perdidas as esperanças de felicidade.

Mar e ceos era quanto n'esta situação dolorosa restava para entreter as vistas desvairadas do novo guerreiro. O pontinho negro azul, que ainda ha pouco lá para o septentrião sobrenadava no horisonte, acabara por desvanecer-se de todo: ou a distancia por descompassada lhe furtava já o alcance; ou a noite imminente começava a involvel-o em nuvem e confusão.

Pobre Luiz, pobre coração, e pobre amor! Que lutas interiores, que visões te não occorrem! Eram aquelles tempos mais propensos a obrar que a escrever, mas nem por isso nos faltam exemplos, inda mal que tão raros, de engenheiros productores, excitados pela frescura da idade, ou pelo coração trasbordando amor ou amargura. D'esses taes era Luiz. Amigo dos livros e da escripta, achou ainda anodino n'esse feliz exercicio, que, se tem o condão de nos dar sciencia, não concorre menos a acompanhar-nos nas forçadas solidões; a temperar-nos a vida de melhor sabor; a dar rumo á navegação do espirito; a colher mais copioso e doirado fructo da existencia. Excellencia das excellencias, estudo e escriptura são balsaмо, confidente, e conselheiro: são o melhor e mais confortavel allivio para penas do mundo.

É por isso que ás vezes, depois d'um dia de tormento, o infeliz expatriado, cansado de tanto lutar com aquellas secretas magoas; cansado de ceo e mares que se lhe afiguravam monotonos; da celeuma, ou do pio tristonho das aves aquaticas que perseguiam o rastro da embarcação; se dava a recolhimento profundo, e, como achara na espada a defensão e victoria contra inimigos vivos, assim com a penna tomava favoravel predominio sobre os inimigos moraes do seu repouso e paz interior.

O leitor quererá, e nós devemos satisfazer-lhe o desejo, dando amostra dos devaneios do nosso heroe.

Continua.

JOSÉ DE TORRES.

DEUS?

Ah vem, Lucinda, n'este ameno campo
Entre os arbustos, e co'as lindas flores,
No santo livro, por onde ellas resam
Seus doces cantos aprender com ellas.

Qual peito aquelle, que o prazer esquece,
De flores vendo engrinaldar-se a terra!...
Nas varias côres o immenso artista
Quem não conhece, ao estudar-lhe o mimo!...
Quem, seu tributo, não descobre, grato,
N'esse subtil, euebriante aroma
Em que rescendem, perfumando os ares;
E no das folhas ciciar tão brando,
Que vozes são com que ao Eterno fallam!

A copia infinda, que o potente braço
Aqui lançou, em matisadas formas,
Como revela seu poder supremo!

E quem se atreve, em maravilhas tantas,
Erguer, altivo, miserando orgulho?
O atheu? Não creias. Esse ente é falso.
Mente a si mesmo; mente aos seus sentidos;
Mente á sua alma; á existencia mente.

Vamos, Lucinda, contemplar o bosque.
Verás da selva magestosa coma,
Mostrar-te a fé, no levantar ás nuvens
Os verdes ramos, que tão leves fremem
Da fresca brisa ao namorado embate.

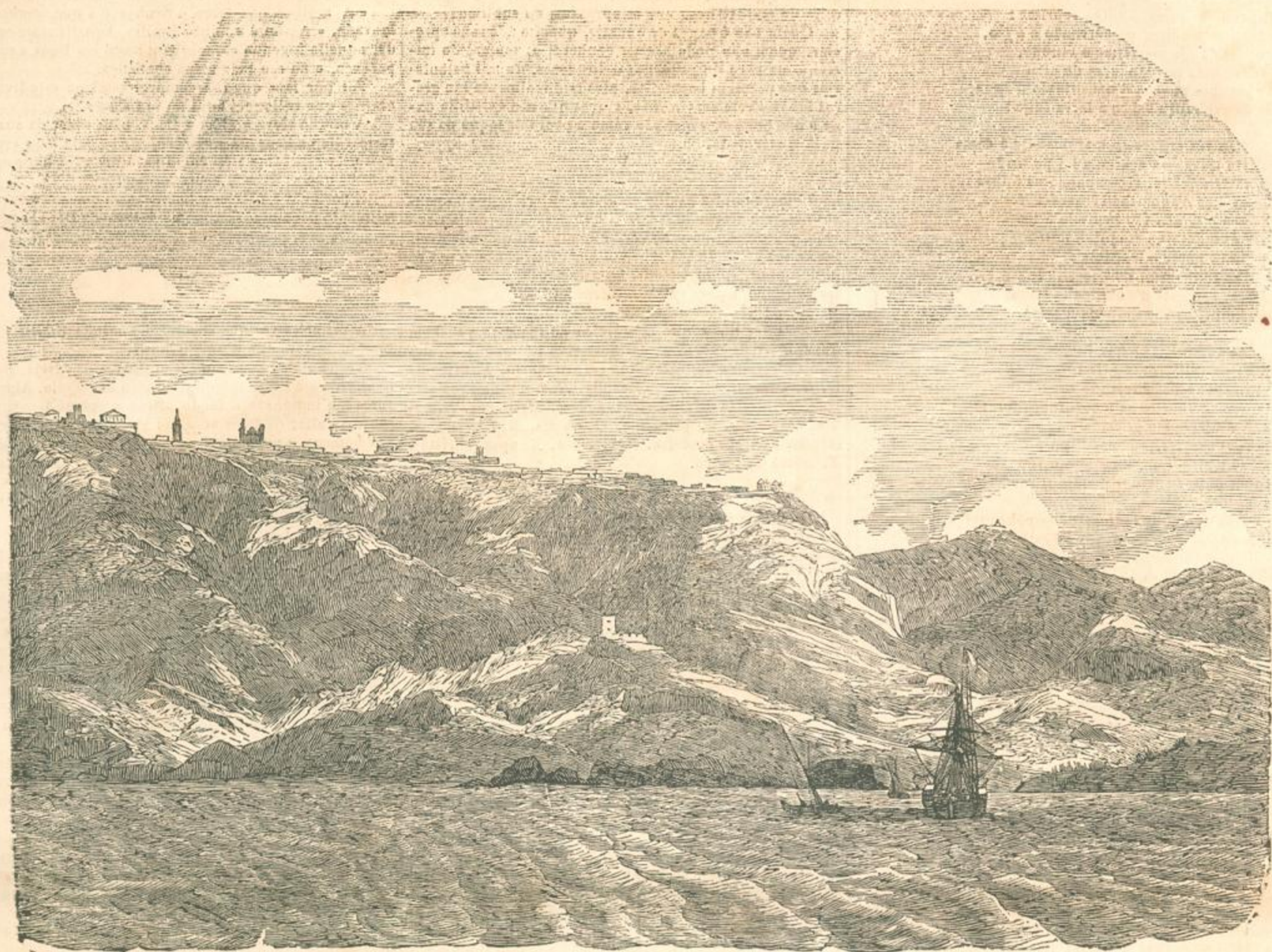
Mas se o tufão, ao percorrer o'spaço,
Entre seus troncos s'enleou severo,
Seu hymno doce, descantado á brisa,
Troca em gemido de sentir plangente;
Larga os perfumes, e desprende as flores,
Com que d'amores captivou enlevos!

É porque a selva reconhece um Deus!
Treme-lhe á ira — omnipotente effeito —
E nuncio d'ella no tufão sentindo,
Verga a cerviz, e se confessa humilde!

E se a justiça, não contente ainda,
Despede o raio a rasgar a terra,
Erguidas comas hi verás baixadas
Rojar no chão, e de terror transidos
Lascarem ramos; e fendidos troncos
Irem rolando até ao cavo abyssmo!

É porque a selva reconhece um Deus!
Treme-lhe á ira — da justiça effeito —
E no corisco seu poder sentindo,
Verga a cerviz, e se confessa humilde!

Olha no prado, como a verde relva
Sobre o torrão se debruçou humilde!
Eil-a acamada, sem tentar erguer-se
Vendo a procella que lá brame ao longe!...
Nas grandes iras é por Deus poupada,
E no perdão ella confia — a triste!



Cidade velha em Malta.



Porto de Malta.

